

OS FABULOSOS LEÕES FABULARES DE MILLÔR FERNANDES: ESTUDOS DE CASO DA RECEPÇÃO ESÓPICA

Adriane Duarte¹

Giovanna Angela Agulha Sarti²

RESUMO: Imbuído do espírito combativo contra verdades bem estabelecidas, o jornalista e humorista Millôr Fernandes (1923-2012) elegeu a fábula como uma de suas muitas frentes de atuação na interpretação crítica do Brasil do século XX. Com esse gênero literário que, para os antigos, figurava como expressão dos setores marginalizados, sua recepção sobre Esopo e sobre a tradição decorrente expressa a revolta ante a opressão, retomando a forma fabular como espécie de artifício crítico, argumentativo e dismantelador das forças sociais e políticas que permearam tempos tanto de ditadura militar quanto de democracia no Brasil. Na figura do leão, especificamente, diversas fábulas de base esópica do autor carioca encenam o desconforto inerente às hierarquias vigentes; o felino ora é retratado como ignorante, ora como alienado, mas sempre soberbo no *status* que a natureza lhe fixara. Já o animal por ele oprimido, frequentemente, menosprezado e diminuído, sobressai-se em recursividade, seja para escapar das garras do predador que o embosca, seja para confrontar o leão, e, até mesmo, derrotá-lo. Por meio da apresentação dos textos de partida e de chegada, propõe-se uma análise conjunta das fábulas de forma e base esópica com as quais Millôr opera suas recriações e inversões, tendo como principal ponto de análise o modo como os textos se iluminam reciprocamente. Como conclusão, demonstra-se como se opera o expediente receptivo de Millôr Fernandes sobre a matéria clássica, na medida em que se resgata uma faceta há muito preterida da matéria fabular: a capacidade de questionar criticamente.

PALAVRAS-CHAVE: recepção dos clássicos; Millôr Fernandes; Esopo; leão; fábulas.

1 Professora Titular de Língua e Literatura Grega da USP.

2 Mestra em Letras Clássicas. Doutoranda em Filologia e Língua Portuguesa (FFLCH - USP).

Introdução

Enquanto intérprete da realidade nacional em crescente complexidade social e política, o jornalista carioca Millôr Fernandes (1923-2012) lançava mão de um sem-número de estratégias para comunicar seu humor desconstrutivo e mordaz ao público do século XX. Seja pela pena da arte gráfica, seja pela pena da ficção, uma das muitas modalidades de engajamento com a realidade de seu tempo tangia a exploração de paradigmas literários bem estabelecidos na oralidade e registros populares, como a ancestral fábula esópica. Com efeito, ao aproximar-se do gênero literário com expediente paródico e desconstrutivo, Millôr retoma a inserção argumentativa que inicialmente figurava ao centro da situação discursiva da fábula, reprisando uma função esquecida em virtude da restrição do gênero à literatura infantil desde o século XVIII. Tal como relatam os antigos, acreditava-se que Esopo teria sido um grande orador em cortes reais nos idos do século VI AEC (Duarte, 2019, p. 51), ofício no qual a fábula se articulava como categoria explicativa ou demonstrativa de sua arte. No mesmo sentido, portanto, Millôr retoma a fábula como narrativa para debate, subvertendo-a na recepção do gênero para suscitar em seus leitores a desconstrução do *status quo* em nome da emergência do espírito de questionamento crítico.

Desde os anos 1960, Millôr frequentemente veiculava suas opiniões na coluna “O Pif-Paf”, do periódico *O Cruzeiro*, por meio das assim denominadas “Fábulas fabulosas” (Ortiga, 1992, p. 156). Sob tal alcunha, mais tarde, publicou-as em diversas coletâneas integralmente dedicadas às narrativas de forma esópica – isto é, pequenas cenas de animais, seres mitológicos ou objetos seguidas por uma “moral da história” –, entre as quais também punha em xeque os tradicionais motivos de Esopo, Fedro (séc. I), La Fontaine (1621-1695) e, até mesmo, Monteiro Lobato (1882-1948), bem como as narrativas remanescentes da mitologia greco-latina. No total aproximado de 30 fábulas resultantes da recepção de Esopo

e da literatura clássica publicadas nessas compilações, reincidentem, com especial vigor, as representações de embates hierárquicos centrados na figura elementar do leão, o famigerado “rei da selva”, que recebe em Millôr traços de demagogia, autoritarismo e ignorância. Não por acaso, todas as reedições da inaugural coletânea *Fábulas fabulosas* contam com representações de uma figura leonina já na capa; crescentemente ameaçadora, mostra dentes cada vez mais arreganhados e traços bravios contra o que parece ser uma pequena ave, cuja aparência inocente e colorida lhe impõe contraste pela pouca variação entre as versões. No centro da discussão, o dito “Guru do Méier” ataca de modo velado a ditadura militar sob a qual o Brasil se via cerceado, traduzindo-a no imponente leão que ameaçava os súditos de seu reino.

Figura 1 – Capas da 1ª, 4ª e 11ª reedições de *Fábulas Fabulosas*



Fonte: Fernandes, 1964, 1976, 1991.

“O leão, o burro e o rato”

Tendo por texto de partida “O leão, o asno e a raposa” (*Aesop*. P149, C209)³ de Esopo⁴, essa fábula encena as repercussões da divisão do espólio de caça entre três animais. Quando o burro é designado como responsável pelo leão, aquele propõe a partilha igualitária e, por conseguinte, é agredido e morto pelo inclemente felino. A tarefa, então, recai sobre um animal menor – a raposa, em Esopo, o rato, em Millôr –, que astuciosamente contempla as vontades tirânicas do leão a fim de salvar a própria vida. Da matéria tradicional, Millôr preserva o percurso narrativo até a conclusão, utilizando para isso a fiel manutenção dos personagens e das dinâmicas de poder que os regem: o leão está no topo da hierarquia, impondo suas vontades sobre a divisão de tarefas e sobre o quinhão que lhe é devido, o burro⁵ permanece como o alvo da punição exemplar, e o animal menor se salva por conscienciosamente aquiescer à sua inferioridade hierárquica.

Além da usual ampliação dos recursos cênicos, a mudança do personagem desfavorecido parece revelar a particular preferência de Millôr pela clareza na caracterização. Com efeito, a raposa esópica remete a um tipo usualmente associado à esperteza, à malícia e, ainda, ao posto de uma das mais traiçoeiras criaturas do reino animal – essa costuma ser sua designação tipológica nas fábulas que protagoniza (Portella, 1983, p. 135) e é também o que lhe garante a melhor resolução contra uma possível represália do leão na matéria antiga. Millôr bem reconhece sua renomada sagácia, a julgar pela recepção que faz sobre a fábula esópica “A

3 Numeração da fábula segundo as edições de Ben Perry (assinalada por P) e Émile Chambry (C).

4 Cf. tradução de DEZOTTI (2013, p. 93).

5 Para André Malta (2020), a tradução é “jumento”. Mantém-se o mesmo gênero de animal e a mesma caracterização do tipo desprovido de inteligência, ingênuo, que passou também a ser qualificativo humano, conforme aponta Millôr na moral da história “só um burro tenta ficar com a parte do leão” (FERNANDES, 1978, p. 61).

raposa e o corvo”⁶, de sorte que, para distanciar-se dessa associação e, concomitantemente, enfatizar a posição de máxima inferioridade mediante o leão, opta por um roedor.

Tal como a raposa, o rato carrega consigo uma determinada fama: covarde, fugidio, conveniente – porém, não excessivamente sagaz, como o canídeo. A fábula, antes, exalta suas capacidades em adquirir astúcia forçosamente ante circunstâncias hostis. Tal qual o representante anterior, o ponto fulcral de sua sobrevivência é o reconhecimento da condição desvantajosa:

“Maravilhoso, meu caro compadre, maravilhoso! Como você chegou tão depressa a uma partilha tão certa?” e o rato respondeu: “Muito simples. Estabeleci uma relação matemática entre seu tamanho e o meu – é claro que você precisa comer muito mais. Tracei uma comparação entre a sua força e a minha – é claro que você precisa de muito maior volume de alimentação do que eu. Comparei, ponderadamente, sua posição na floresta com a minha – e, evidentemente, a partilha só podia ser esta. Além do que, sou um intelectual, sou todo espírito!” “Inacreditável, inacreditável! Que compreensão! Que argúcia!”, exclamou o leão, realmente admirado. “Olha, juro que nunca tinha notado, em você, essa cultura. Como você escondeu isso o tempo todo, e quem lhe ensinou tanta sabedoria?” “Na verdade, leão, eu nunca soube nada. Se me perdoa um elogio fúnebre, se não se ofende, acabei de aprender tudo agora mesmo, com o burro morto” (Fernandes, 1978, p. 61).

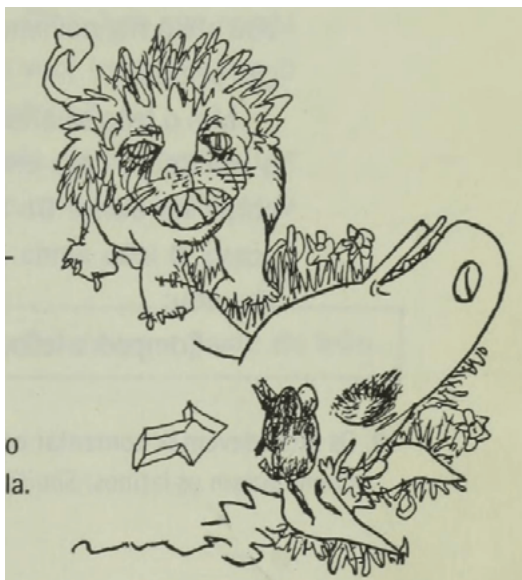
Para além do sardônico discurso sobre as hierarquias vigentes, o que se evidencia na fala do rato é o contraditório *status* de “intelectual” “todo espírito” que passa a desempenhar. Por um lado, o personagem veste esses adjetivos para assomar justificativas à

6 O título de Millôr é “O macorvo e o caco” (FERNANDES, 1978, p. 51). Em lugar da raposa, o macaco como animal astuto que manipula e rouba o alimento do corvo. Malgrado a alteração superficial, reprisa-se a caracterização ardilosa do personagem e também a interação manipulativa como um todo.

desproporcional divisão do montante da caça – não se sabe de quanto convencimento ainda seria necessário para desvencilhar-se de tal situação, de modo que todo esforço seria pouco a fim de não melindrar o despótico leão. Por outro lado, no entanto, a pressurosa necessidade da circunstância factual o tornou rapidamente astuto: dado o desfecho do burro, o rato teve de aprender em um átimo como propor a partilha, lidar com o leão e dispor de palavras suficientes para convencê-lo. Mediante os cálculos sobre o montante devido a cada um, bem como a questão hierárquica e, evidentemente, uma projeção dos desenlaces possíveis em vista do favorecimento ou não do felino, o rato privilegia a porção do outro. Retendo para si “apenas um ratinho cinza morto por acaso” (Fernandes, 1978, p. 76), apresenta-se uma insinuação canibalista amplificada na terceira nota de rodapé: “os ratos devem aprender a se alimentar de ratos. Como diziam os latinos: ‘*Similia similibus curantur*’” (Fernandes, 1978, p. 76) – “os semelhantes curam-se pelos semelhantes” (Similia [...]), 2024). Pelo lado das mordazes ponderações acerca das dinâmicas de poder, Millôr parece indicar com essa situação o absurdo que faz os menores predarem seus pares, ao invés de desafiarem os lugares de poder.

No paratexto de Millôr, a discrepância de tamanhos sobrevém na imagem, adensando a insignificância e a impotência do pequeno roedor mediante as circunstâncias que o oprimem: o leão está no topo da cena, com os dentes à mostra, pelos eriçados e rabo em riste, em uma articulação de ataque. O burro jaz morto, e o rato usa-o como escudo contra o felino de ar selvagem. Uma intrusiva seta indica sua posição, como se fosse tão pequeno que o ilustrador tivesse sentido necessidade de assinalar sua presença. Resta ao roedorzinho somente o caminho do discurso, portanto, na pífia tentativa de repelir um destino semelhante ao do amigo equino.

Figura 2 – Ilustração da fábula “O leão, o burro e o rato”



Fonte: Fernandes, 2003, p. 73.

Se para Esopo “os infortúnios do próximo se tornam [...] fonte de sabedoria”, a moral em Millôr naturalmente transpõe pelo riso o outro lado desta moeda: “só um burro tenta ficar com a parte do leão” (Fernandes, 1978, p. 61). O enfoque recai sobre a força da perspicácia – ou, por que não, da malandragem – para garantir a sobrevivência, recurso único contra a injustiça dos mais fortes. Nesse sentido, elabora Elmar Rosa de Aquino, há uma possível correlação entre a situação de repartição de espólio e o alegórico leão do imposto de renda: “apenas os que não têm noção das consequências do ato de sonegação dos impostos é que tentam burlar as ações fiscais. O poder do governo, por meio da cobrança e do aumento das taxas, é maior que o do contribuinte” (Aquino, 2016, p. 224). Em uma interpretação mais prosaica, contudo, o questionamento de Millôr retorna ao velho campo em que se travam os embates de forças heterométricas. Afinal, não é por acaso

que a segunda nota ao texto aponta que “enquanto estavam bebendo água, o leão reparou que o rato estava sujando a água que ele bebia. Mas isso é outra fábula” (Fernandes, 1978, p. 61). A ligação moral com a sua elaboração de “O lobo e o cordeiro” – em que este emerge vitorioso, em notória inversão do percurso narrativo tradicional –, novamente, a astúcia do mais fraco em driblar a opressão por meio da palavra e do raciocínio.

“O leão⁷ e o rato”

A importância do embate de poderes é algo que tanto repercute em Millôr que lhe rende uma segunda releitura com base em “O leão, o asno e a raposa” esópico, dessa vez, combinada ao cenário inicial de outra fábula de Esopo: “O leão e o rato agradecido” (Aesop. P150, C206) encontros pelos caminhos fabulares⁸; de fato, a retomada do paradigma esópico é explícita nas primeiras palavras da narrativa (Vargas, 2014, p. 295), de modo a evidenciar “a intenção de explorar de outro modo a história original e de subverter a moral” (Vargas, 2014, p. 298). Mediante a devastação ambiental, a fome passa a assolá-los, e o rato foge atrás de comida para não se tornar ele mesmo a refeição do Leão. Assim, obtém um pedaço de queijo “que ninguém jamais poderá explicar onde conseguiu (fábulas!)” (Fernandes, 2003, p. 135); na pequena ilustração de 2003, o rato se mostra feliz em atender à fome do felino, o qual saliva copiosamente e observa o amigo com olhos maliciosos.

7 Com exceção do título desta fábula milloriana, todas as menções textuais ao Leão são capitalizadas.

8 Millôr cita os acontecimentos de “O leão e o rato agradecido”.

Figura 3 – Ilustração da fábula “O leão e o rato”



Fonte: Fernandes, 2003, p. 134.

A isso, segue a resposta do Leão:

– Maravilhoso, amigo, maravilhoso! Você é uma das sete maravilhas! Comamos, comamos! Mas, antes, vamos repartir o queijo com *equanimidade*. E como tenho receio de *não resistir à minha natural prepotência, e sendo ao mesmo tempo um democrata nato e confirmado*, deixo a você a tarefa ingrata de controlar o queijo com seus próprios e famélicos instintos. Vamos, *divida você, meu irmão!* A parte do rato para o rato; para o Leão, a parte do Leão (Fernandes, 2003, p. 135, grifos nossos).

Por meio dessas declarações, o Leão superficialmente simula uma autocrítica quanto ao seu autoritarismo natural, abrindo mão, de bom grado, do poder em executar a partilha. Na realidade, entretanto, o ratinho capta a mensagem subentendida sobre a disparidade entre suas condições e divide a refeição seguindo o “alto critério” da “justiça” leonina: “deu o queijo todo ao Leão e ficou apenas com os buracos” (Fernandes, 2003, p. 135). Por fim, o

rato deve ainda fazer-se contente pelo seu quinhão, celebrando o “Rei Leão” em plena fome.

Seguindo a tônica da fábula anterior, a moral aqui declara que “os ratos são iguaizinhos aos homens”, de modo que a disparidade de poder permanece pela opressão do mais fraco. Até mesmo no nível gráfico, o Leão recebe a letra maiúscula para denotar sua soberania, enquanto o pobre ratinho é minúsculizado em tudo que lhe concerne. De maneira análoga ao comentário sobre “O leão, o rato e o burro”, a reiteração do motivo sobre a partilha de bens entre o Leão e o rato faz “possível referência às atitudes daqueles que, no âmbito da economia, ‘rateiam o produto das práticas desonestas – que simbolicamente são vistos como ratos –, enquanto outra parte significativa vai para os cofres da receita fazendária” (Aquino, 2016, p. 218). Nessa mesma esteira, o intertexto quanto à receita federal brasileira parece figurar na dimensão do Leão, que, nominalmente, pede ao ente mais frágil da relação que *calcule* a partilha, vigiando-o atentamente sob ameaça de dura punição.

“Hierarquia”

Assim como “O leão e o rato” milloriano, “Hierarquia” também versa sobre os acontecimentos da fábula esópica “O leão e o rato agradecido”. À diferença das linhas de Esopo e da fábula anterior de Millôr, contudo, a presente recriação se distancia de modo abismal da situação de cooperação forjada entre os animais envolvidos desde a situação inicial. Na matéria de base, um leão que dormia é despertado por um ratinho que passeava pelo seu corpo. Prometendo retribuir-lhe o favor, o rato tem a vida poupada e, mais tarde, retorna para salvar o felino enredado por caçadores. Enquanto isso, a fábula de Millôr é organizada em uma só cena e espaço, não estabelecendo qualquer situação pregressa que indique reconhecimento, dívida ou reciprocidade entre os animais. Assim, em um dia qualquer, um leão aborrecido

depara-se com um ratinho, apanha-o pela cauda e nele desconta sua insatisfação. Ainda que venha a liberar o outro animal, como em Esopo e na situação presumida na fábula milloriana anterior, o leão não deixa de dispensar-lhe uma série de insultos. No desfecho dos acontecimentos, já à distância do predador, o rato o interpela e pede-lhe que repita o discurso injurioso, pois queria repeti-lo para uma lesma a quem ele próprio via como inferior.

De maneiras dispares, os fabulistas oferecem percepções convergentes sobre as dinâmicas da hierarquia – afinal, essa é a chave de leitura propiciada pelo próprio Millôr em seu título. O embate entre o *status* intrínseco e o relativo é o campo no qual se travam as lutas de poder na matéria esópica e na presente versão de Millôr, pois, em ambas as narrativas, opõe-se a percepção do leão sobre si e sobre o rato contra a factual capacidade do roedor. No texto antigo, o felino age com certa benevolência para com o mais fraco, mas o faz por acreditar-se magnânimo perante a insignificância do outro: libertando o roedorzinho “com um sorriso” (Fernandes, 1976, p. 123) condescendente, desacredita da capacidade do animal menor em ajudá-lo. Esse aspecto se evidencia sobremaneira na represália do rato, ao salvar o leão esópico: “certa vez você caçoou de mim, dizendo que não esperava receber de minha parte uma retribuição”⁹epimítio¹⁰ sobre a instabilidade da sorte e a inversão de fortes e fracos. A interdependência e o equilíbrio supostamente regem as hierarquias animais e sociais no registro antigo.

Já nas linhas millorianas, a inversão de sorte entre leão e rato não guia o argumento sobre a hierarquia – ao menos, não no nível narrativo. No percurso de Millôr, como de hábito, a situação dramática é ampliada, privilegiando-se o discurso direto e o acesso

9 Cf. tradução de DEZOTTI (2013, p. 303).

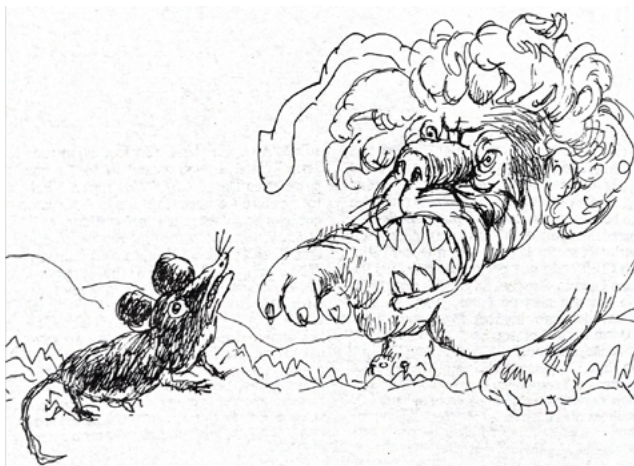
10 De certo modo equivalente à “moral da história”, é o canônico segundo parágrafo da formulação fabular esópica, “assim chamado pelos retores antigos justamente porque vem depois da narrativa (*mythos*)” (DEZOTTI, 1999, p. 137).

à subjetividade das personagens, tendo como constante intermediador o julgamento intrusivo e crítico do narrador¹¹. A animosidade entre as partes é superlativizada pela atitude abertamente hostil do leão, barrando a retribuição do rato. Complicando ainda mais as noções de poder, Millôr introduz a leoa, elemento anterior (e superior) na hierarquia; como logo apresenta, “um leão enorme ia andando chateado, não muito rei dos animais, porque tinha acabado de brigar com a mulher e esta lhe dissera poucas e boas” (Fernandes, 1976, p. 123). Essa inferiorização justifica a má disposição do felino, bem como a tomada do rato como alvo de suas frustrações. Subjaz a esse arranjo psicológico a tônica do “machismo” milloriano (Crescêncio, 2011, p. 9), que contrabandeia mesmo no tipo do animal fabular noções pessoais acerca das relações entre homens e mulheres. Conforme as considerações tecidas alhures sobre fábulas como “Vênus, a deusa da Amora” e “A caixa (ou lá que outro nome tenha) de Pandora”, Millôr indica que, nessa hierarquia, o título de rei dos animais é, de certo modo, usurpado pela ação feminina, pois a leoa confere o (des)ânimo necessário ao poder e, por consequência, posta-se acima do leão. Além disso, a ironia sobre a relatividade das hierarquias estabelecidas reflete as dinâmicas de opressão observadas por Paulo Freire, em que os oprimidos reproduzem sobre os mais frágeis ou hierarquicamente inferiores a violência de que são vítimas como reflexo da vivência sob um regime opressor (Freire, 1987, p. 17). Com isso, se antes a moral esópica meramente reconhecia o modo casual como a sorte inverte os papéis de fracos e fortes mediante as condições da existência, a leitura de Millôr lhe concede, ainda, uma reflexão sobre a perpetuação artificial da opressão, transfigurando-a, assim, em uma falácia, como se o arranjo hierárquico dessas forças fosse um dado próprio da natureza.

11 Sua presença vem demarcada de modo implícito quando o texto se principia na expressão “diz que”, um modo informal de introduzir histórias orais cuja veracidade nem sempre pode ser verificada (AQUINO, 2016, p. 219).

Imbuído do descrédito sobre o valor costumeiramente atribuído a si, o leão entende como necessário apequenar ao máximo o ratinho, enxovalhando-o com uma torrente de invectivas: “Miserável criatura, estúpida, ínfima, vil, torpe: não conheço na criação nada mais insignificante e nojento. Vou te deixar com vida apenas para que você possa sofrer toda a humilhação do que lhe disse, você, desgraçado, inferior, mesquinho, rato!” (Fernandes, 1976, p. 123). A ilustração à passagem parece até mesmo ironizar as palavras, por ilustrar um rato não muito “mais menor” (Fernandes, 1976, p. 123) que o próprio felino.

Figura 4 – Ilustração da fábula “Hierarquia”



Fonte: Fernandes, 1976, p. 122.

A soltura do rato, então, inaugura a virada irônica da elaboração brasileira, pois a percepção do leão sobre a hierarquia que, supostamente, encabeçaria, conquanto relativizada pela leoa, recebe um segundo golpe narcísico. À distância, profere o pequeno rato: “Será que Vossa Excelência poderia escrever isso [os insultos] pra mim? Vou me encontrar agora mesmo com uma lesma que eu conheço e quero repetir isso pra ela com as mesmas

palavras!” (Fernandes, 1976, p. 123). Contra os moldes tradicionais esópicos, contra o senso comum, e em reforço à inferiorização do início da narrativa, a hierarquia a qual o leão tenta reestabelecer é, novamente, invalidada. A autoestima que tentou firmar ante a humilhação absoluta do rato é rompida. Seu poder em ostracizar o outro ao patamar mais baixo é anulado. Afinal, não importa o quão irrisório seja o valor atribuído pelo leão, uma vez que o próprio rato estabelece para si um papel diferente naquela organização. A nível simbólico, portanto, os papéis se invertem. O rato é vitorioso, não apenas por ter saído com vida – o desprezo do leão é de tal modo hiperbólico que, afinal de contas, entrega-lhe a sobrevivência –, como também por desbaratar ainda mais o ego do oponente.

Tanto os discursos dos ratos, que em Esopo e em Millôr, igualmente, arrematam a narrativa, quanto os subseqüentes epimítios provam que o leão está errado ao assumir a estabilidade de seus *status* na cadeia hierárquica. Por caminhos divergentes, inusitadamente a moral de Millôr é de certo modo paralela à de Esopo. Enquanto na fábula antiga “os muito poderosos passam a precisar dos mais fracos”¹², sua recriação é retomada com a habitual dose de ironia para o público brasileiro, em que o poder é apresentado como algo volátil, e o posicionamento eventual como dado meramente relativo. Por fim, a relativização chega a tal ponto que, ao final da fábula, Millôr fragmenta a costumeira moral taxativa em duas instâncias: “MORAL: afinal, ninguém é tão inferior assim. / SUBMORAL: nem tão superior, por falar nisso” (Fernandes, 1976, p. 123). O próprio ensinamento, isto é, o taxativo epimítio o qual encerra a fábula esópica com uma redução hermenêutica, coibindo horizontes de significação e eventuais possibilidades interpretativas, é parodiado como algo passível de inversões sob o auspício da fortuna cega. Por intermédio dos jogos de palavras – com especial relevo para a justaposição de comparativos que

12 Cf. tradução de DEZOTTI (2013, p. 303).

relativizam a altivez do leão e a pequenez do rato “mais menor”, “mais insignificante e nojento” –, a fábula milloriana assim demonstra que não há valor absoluto nas hierarquias relacionais as quais se imputam sobre animais e, por extensão, sobre os homens.

“O estudante grande e o professor pequenininho”

Assim como ocorre com “Hierarquia”, a presente fábula milloriana é fruto da recepção de Millôr sobre “O leão e o rato agradecido”, de Esopo. Presente já na compilação *Fábulas fabulosas* (Fernandes, 1976, p. 84-85)¹³, a versão última do autor para “O estudante grande e o professor pequenininho” consta em *Novas Fábulas e Contos Fabulosos* (2007) com um subtítulo que, nominalmente, a vincula à fábula esópica (Fernandes, 2007, p. 190). À diferença das demais fábulas dessa seleção, porém, a figura leonina pelo lado da recepção de Millôr não é literal: desta vez, o *causo* é sobre um aluno que, como o leão esópico, se encontrava adormecido em meio à mata. Acidentalmente ferido por um professor que tentava caçar aves com uma espingarda, o alunão” o captura, mas, ao reconhecê-lo como professor de línguas, poupa-o de sua fúria. Quando, posteriormente, o aluno irrompe em uma lamúria violenta na biblioteca da escola sobre sua dificuldade de aprendizado, o professor o delata, causando sua expulsão.

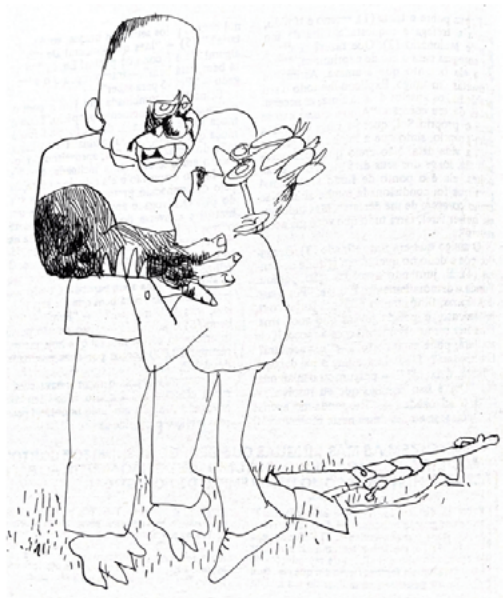
Entre a matéria tradicional que é explicitamente evocada nessa fábula e o fruto da recepção de Millôr, há uma evidente sobreposição entre os protagonistas. Por um lado, rato e professor são, oportunamente, alocados em posição inicial de causar um mal ao personagem mais poderoso e, por isso, enfrentam sua

13 Entre as versões, verifica-se a remoção das notas de rodapé que faziam trocadilhos bem-humorados sobre as nádegas atingidas acidentalmente pelo professor, seu ofício de especialista em línguas e a localização da honra no corpo humano. Ademais, Millôr altera ligeiramente a seção “Explicação oportuna” para “fortuita”, e alguns aspectos desse apêndice, sem, contudo, alterar em demasia o sentido. De fato, a maior alteração entre 1976 e 2007 está na moral.

fúria. Enquanto no episódio grego a interação é dada em termos de negociação, pois o roedor promete que retribuirá a gentileza do leão, se houver misericórdia, a motivação do alunão fica no entredito. Na camada superficial do texto, “o estudante sentiu piedade no coração”, e isso bastou para que liberasse o “professorzinho”. Contudo, o próprio contraste junto à matéria antiga permite uma leitura irônica do trecho: tal como o rato oferece algo ao leão, o aluno tem em seu horizonte de expectativa uma vantagem. Com efeito, se antes estava prontamente “disposto a matar quem o ferira” (Fernandes, 2007, p. 190), sua cólera, oportunamente, é aplacada pelo reconhecimento do professor como alguém que lhe poderia beneficiar nos estudos. Nesse sentido, a recriação brasileira reforça o jogo de interesses o qual figura no centro da fábula tradicional, enfatizando de modo um tanto cínico que as paixões dos personagens são governadas antes pelos benefícios potenciais que pelo verdadeiro afeto e apreço.

O leão e o alunão encontram correspondências quase absolutas, na medida em que poupam a vida de um ente mais frágil e, então, encontram-se à mercê de sua intervenção. Afora a fábula milloriana reservar ao aluno um final aparentemente disfórico, não há outras implicações relevantes para a alteração de suas feições. A esse respeito, a ilustração da fábula, em 1976, joga com a mesma disposição cênica anteriormente vista nas interações do leão com outros animais menores: a figura imponente do alunão, brutal, de braços peludos, dentes arreganhados e olhar hostil, arremata o professorzinho pelo colarinho. Sua manopla cobre a cabeça desprotegida do outro. À mercê do opressor, o pequeno homem o encara com olhos vítreos sob os óculos típicos do intelectual.

Figura 5 – Ilustração da fábula “O estudante grande e o professor pequeninho”



Fonte: Fernandes, 1976, p. 84

Da parte do rato, as aproximações e divergências se fazem bastante relevantes na construção do humor irônico na narrativa. Millôr semeia uma dúvida quanto ao intento do professor, pois, quando a ocasião o chama ao auxílio do aluno, sua ação é delatá-lo. No senso comum, evidentemente, a atitude parece desfavorecer o alunão que o poupava, em um ato de ingratidão – afinal, ainda que brade invectivas contra as “sutilezas latínicas e algébricas” (Fernandes, 2007, p. 191) que assolam suas capacidades intelectuais, a própria presença do aluno na biblioteca do colégio denota os esforços em lá permanecer. O professor, notoriamente provido de capacidades intelectuais, jamais desconsideraria essa circunstância. Por outro lado, contudo, o narrador milloriano efusivamente concede no *post scriptum* um mordaz contra-argumento para aqueles que julgam o professor com “profundo asco

pela atitude”. Ao invés de retribuir o favor por meio do ensino – ação essa que ampliaria a interação antes já desagradável com o alunão –, com o “pequenino coração cheio de gratidão para com o estudante”, o professorzinho causa a expulsão para que o aluno “pudesse ter nova oportunidade de seguir seu verdadeiro destino de brutamontes” (Fernandes, 2007, p. 191).

Por meio do jogo de projeções entre dito e entredito, texto e intertexto, Millôr arquiteta uma sucessão de inversões. Ora os esforços do professor parecem carregar as melhores intenções, ora as piores. Os que conhecem a fábula esópica encontram nessa dualidade um grau ainda mais complexo para a interpretação, pois a reciprocidade do ratinho poderia servir igualmente como um paradigma afirmativo ou negativo na ação do professor. Entre as dúvidas suscitadas pela narrativa, porém, a moral parece vir para findá-la em tom categórico, como tradicionalmente se lega a tal porção discursiva no esquema canônico da fábula esópica. Contra diversos exemplares de narrativas millorianas que dispõem de um comentário irônico ou ambíguo para causar ainda mais repercussões dúbias sobre qualquer fixação de sentidos, o jogo de afirmações e negações sobre a motivação do professor finda no que aparenta ser uma moral mais ou menos explícita: tanto na versão de 1976, “um professor deve sempre dar uma lição” (Fernandes, 1976, p. 85), quanto na de 2007, “um professor não é um rato!”¹⁴ (Fernandes, 2007, p. 190), Millôr se ocupa de expressar uma orientação mais negativa para a ação. Evocando o intertexto esópico, a versão mais atual categoricamente afirma que o professor não pode agir do mesmo modo condescendente que outrora o fizera o rato mediante seu opressor. De fato, diferentemente dos roedores que ocupam o papel inferior e continuamente servil

14 Outra brilhante inversão desnorteante de Millôr está no próprio significado de “rato”. Quando afirma que o professor não é rato, a moral joga com um significado mais ou menos comum na língua portuguesa – rato como larápio, malandro – ou, ainda, com uma notória metáfora da língua inglesa: *rat* se refere ao animal, ao delator e ao ato de delatar.

à instância soberana do leão, a escolha do professor rompe com o ciclo de reciprocidade e sustentação das hierarquias vigentes. Sua atitude denota a vitória sobre o poder despótico, na representação do próprio *ethos* da figura de professor: valoriza-se a inteligência mediante a força bruta, pois o mais intelectualmente capaz prevalece.

No aspecto gráfico, no entanto, vale notar que a moral não é a última instância dessa fábula. Arrematando a narrativa, o *post scriptum* dialoga à larga com o leitor, firmando-se em um bloco de texto tanto ou mais extenso que o corpo narrativo. Imbuído de ironia, Millôr assim esclarece as supostas aspirações nobres por trás da delação do professor. Desautorizando a orientação combativa proposta no epímio, é possível retornar à interpretação de genuína gratidão por parte do docente, de modo que o mundo continua ordenado à maneira do rato que ajudou o leão: tal como o aluno lhe fizera um bem, perdando-o e liberando-o de sua cólera, também o professor entende que lhe retribuirá à altura. Ainda que não fosse de seu interesse imediato nem da compreensão do senso comum, a gratidão do docente o levou a agir em prol do crescimento pessoal do aluno, à revelia de sua própria percepção ou desejo. De toda sorte, essa qualidade imprecisa jamais autoriza qualquer categorização sobre o *status* do par em cena: quem é o verdadeiro opressor? Quem venceu a situação? Há equilíbrio entre as partes? A instabilidade do estabelecimento, como de praxe, serve para que Millôr desmonte o usual e o suplante pelo questionamento, convidando o leitor a revisitar a matéria tradicional e a cultura coletiva difusa pela chave do satírico.

Considerações finais

As figuras leoninas nas fábulas de Millôr – sejam elas literais, sejam elas simbólicas da recepção sobre a matéria esópica – desvelam um constante questionamento trocista sobre o lugar de poder na realidade de seu tempo e na natureza humana, de

modo amplo e irrestrito. Sempre tido como soberano, símbolo da nobreza e do poder, o leão é desmoralizado e diminuído pelas lentes do “Guru”; tal como ocorre junto a todas as figuras idealizadas com as quais depara, Millôr o destitui do tradicional posto da mais alta patente hierárquica para evidenciar a artificialidade por trás de seu *status*. Mesmo quando permanece no domínio da situação, como nas fábulas millorianas “O leão, o burro e o rato” ou “O leão e o rato”, o embate com os atores em cena desvela sua inépcia mediante a recursividade daquele que, tradicionalmente, é tido como o polo mais frágil na relação: sem a colaboração do rato, em ambas as ocasiões fabulares, o leão teria sucumbido à fome. Por outro lado, nas fábulas que combatem a supremacia leonina de modo frontal, “Hierarquia” e “O estudante grande e o professor pequenininho”, demonstra-se como o majestoso senhor das selvas, por qualquer eventualidade – até mesmo pelo humor escrachado de um jornalista do Méier –, pode sucumbir.

Do ponto de vista dos estudos de recepção dos clássicos, Millôr, evidentemente, amplia o que a própria literatura de base sugere. Dado que a fábula se consolida enquanto gênero literário no Ocidente por meio da recepção de Fedro (c. 14 AEC. – 50 EC) sobre a matéria esópica, assim estabelecendo-a como expressão popular e oral voltada à manifestação dos setores sociais mais marginalizados entre os antigos (Citroni, 2006, p. 707), a reelaboração dos *topoi* fabulares encontra em Millôr um oportuno representante do expediente combativo ao lugar do poder. Nesse sentido, no reino das fábulas, nenhuma figura animal não humana é mais representativa do mais alto patamar dessa hierarquia que o leão. Como símbolo da mais alta instância dos regimes opressores, do mundo antigo à contemporaneidade, o leão se delineia para os *gauches* de cada tempo como um referencial elementar do *establishment* a ser confrontado e desmantelado – ainda que, para tal, seja necessário contrabandeá-lo sob o signo animalesco, ao invés de atacar diretamente os déspotas do passado e, no caso de Millôr, das potências vigentes tanto no contexto de repressão militar quanto nas épocas de democracia.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Elmar Rosa de. *A interdiscursividade/ intertextualidade nas Fábulas Fabulosas de Millôr Fernandes*. 2016. 261 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <https://www.bdttd.uerj.br:8443/handle/1/6153>. Acesso em 25 ago. 2022.

CRESCÊNCIO, Cintia Lima. Veja o machismo: discursos sobre machismo produzidos por Millôr Fernandes na revista *Veja* (1968-1984). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, 26, 2011, São Paulo. *Anais [...]*. São Paulo: [s. n.]: 2011. p. 1-15. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548855457_3d09d9e93ff053b1dc4fbed203733d63.pdf. Acesso em 30 mai. 2023.

CITRONI, Mario. Fedro e a fábula latina. In: CITRONI, Mario. *Literatura da Roma Antiga*. Tradução de Margarida Miranda e Isaías Hipólito. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2006. p. 703-710.

DEZOTTI, Maria Celeste Consolin. A fábula grega: da prática discursiva ao gênero literário. *Organon*, Porto Alegre, v. 13, n. 27, p. 137-146, 1999.

DUARTE, Adriane da Silva. Esopo – Um mestre dos saberes populares. In: REDE, Marcelo (org.). *Vidas Antigas: Ensaios biográficos da antiguidade*. São Paulo: Intermeios, 2019. pp. 51-66.

ESOPO. *Fábulas, seguidas do Romance de Esopo*. Tradução de André Malta e Adriane da Silva Duarte. São Paulo: Editora 34, 2020.

ESOPO. *Fábulas completas*. Tradução de Maria Celeste Consolin Dezotti. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

FERNANDES, Millôr. *Fábulas Fabulosas*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editorial Nórdica, 1964.

FERNANDES, Millôr. *Fábulas Fabulosas*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editorial Nórdica, 1976.

FERNANDES, Millôr. *Novas Fábulas Fabulosas*. Rio de Janeiro: Editorial Nórdica, 1978.

FERNANDES, Millôr. *Fábulas Fabulosas*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Editorial Nórdica, 1991.

FERNANDES, Millôr. *100 Fábulas Fabulosas*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

FERNANDES, Millôr. *Novas Fábulas e Contos Fabulosos*. Rio de Janeiro: Desiderata, 2007. v. 2.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

ORTIGA, Odília Carreirão. *O riso e o risível em Millôr Fernandes: o cômico, o satírico e o 'humor'*. 1992. 276 f. Tese (Doutorado) – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/76869>. Acesso em 25 ago. 2022.

PORTELLA, Oswaldo O. A fábula. *Revista Letras*, Curitiba, n. 32, p. 119-138, 1983. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/19338>. Acesso em 8 dez. 2022.

SIMILIA similibus curantur. In: DICIONÁRIO Infopédia de Locuções Latinas e Expressões Estrangeiras. Porto: Porto Editora. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/locucoes-expressoes/similia+similibus+curantur>. Acesso em 21 dez. 2024.

VARGAS, Maria Valéria Aderson de Mello. Referenciação, interdiscursividade e (re)construção de sentido na fábula de Millôr Fernandes. In: COELHO, Nelly Novaes. CUNHA, Maria Zilda. BASEIO, Maria Auxiliadora Fontana (org.). *Tecendo Literatura: entre vozes e olhares*. São Paulo: FFLCH-USP, 2014. p. 291-304. Disponível em: <https://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/download/184/168/798?inline=1>. Acesso em 25 ago. 2022.

The fabulous fable lions by Millôr Fernandes: case studies of Aesopic reception

ABSTRACT: Imbued with a combative spirit against well-established truths, journalist and humorist Millôr Fernandes (1923-2012) chose the fable as one of his many fronts of action in the critical interpretation of 20th-century Brazil. With this literary genre, which for the ancients was an expression of marginalized sectors, his reception of Aesop and the resulting tradition expresses revolt against oppression, reclaiming the fable as a kind of critical, argumentative, and dismantling artifice aimed at the social and political forces that permeated both the times of military dictatorship and democracy in Brazil. With his lion characters specifically, several Aesopian-based fables by this author demonstrate the discomfort inherent in the prevailing hierarchies; the feline is sometimes portrayed as ignorant, sometimes as alienated, but always arrogant in the status that nature has assigned him. The animal he oppresses, often despised and diminished, excels in recursion, whether to escape the claws of the predator that ambushes it, or to confront the lion, and even defeat it. By presenting the source and target texts, we propose a joint analysis of the fables of Aesopian form and basis with which Millôr operates his recreational inversions, with the main goal of analysis being to demonstrate the way in which the texts illuminate each other reciprocally. In conclusion, we intend to demonstrate how Millôr Fernandes' receptive expedient operates on classical material, insofar as it rescues a long-neglected facet of the fable material: its capacity for critical questioning.

KEYWORDS: classical reception; Millôr Fernandes; Aesop; lions; fable.